

## A Dança das linguagens na web: critérios para a definição de hipertexto

Antonio Carlos Xavier (*Nehte/UFPE*)

Sabe-se que a Internet não é só a mais nova mídia figurando entre as demais já criadas e em funcionamento ao longo da história da inteligência humana, mas é também a mais revolucionária invenção dentre a avalanche de inovações tecnológicas dos últimos trinta anos. Enquanto rede de computadores interligados, ela esteve restrita a alguns poucos *experts* em informática, que trocavam mensagens e compartilhavam informações de modo muito particular. Só a partir da década de 1990 é que foram criados os protocolos de marcação e transferência de dados de forma acessível e fácil a não iniciados em telemática. Os chamados navegadores (browseres) permitiram que pudesse vir à tona toda a potencialidade comunicativa e interacional da rede a partir de então disponível a um grande número de pessoas. Entretanto, tais programas de navegação, utilizando códigos e algoritmos próprios, geraram a possibilidade de mesclar as três principais linguagens desenvolvidas pela humanidade para expressar-se, a saber, a oral, a visual e a sonora. Na tela do computador, é possível acessar não apenas textos verbais, mas também informações em imagens estáticas e dinâmicas e ouvir, por meio de caixas de som acopladas, a sonoridade que foi ali ancorada na “página digital”. Tanto essa “página digital” conhecida hoje, quanto a idéia inicial de construir um lugar ou uma máquina capaz de armazenar todo o conhecimento produzido pela humanidade da invenção da escrita até o presente momento e que também permitisse o compartilhamento desse saberes para uma quantidade infinita de habitantes - elaborada nos anos 1945 com Vannevar Bush e reativada na década de 1960 por Theodore Nelson - têm recebido o nome de HIPERTEXTO. Aliás, termo oportunamente cunhado por Nelson para exprimir a dimensão de sua idéia de *locus* onde textos poderiam ser reunidos e lidos por quaisquer pessoas. Há definições do termo em vários domínios do saber, mas interessa defini-lo em dois grandes setores: um estritamente técnico-informático e outro mais teórico e bastante utilizado em pesquisas acadêmicas. Mas, seja pela perspectiva cibernética dos técnicos construtores dos sistemas lógico-matemáticos que sustentam a complexidade da sintaxe dos códigos intrincados que fazem o hipertexto funcionar com certa magia no mundo virtual, seja pelo olhar dos estudiosos que visam entendê-lo e aplica-los à vida real, é necessário estabelecer o escopo do hipertexto. Principalmente nessa segunda perspectiva, convém estabelecer os critérios para a definição de hipertexto. O objetivo, portanto, deste ensaio é discutir um conjunto razoável de parâmetros para classificar o hipertexto a fim de evitar as confusões terminológicas que têm surgido ultimamente em alguns trabalhos publicados em revistas e livros brasileiros. Todo hipertexto pode ser textualizado, mas nem todo texto é um hipertexto. Pelo menos na definição de hipertexto on-line que estou adotando neste e em vários outros trabalhos que tenho publicado. O equívoco tem se instaurado, geralmente, por algumas razões, entre elas, a confusão que alguns têm feito entre o conceito de hipertextualidade com o de intertextualidade, e também pelo superdimensionamento da deslinearidade conferida ao hipertexto, como se essa fosse uma de suas características exclusivas e não um fenômeno intrínseco ao processamento da leitura. No primeiro caso, não se trata necessariamente dos mesmos fenômenos, e, no segundo, o raciocínio deslinear é próprio do sujeito-leitor e não do modo enunciativo em que o sujeito-autor escolhe para se expressar. Porém, antes de expor os argumentos para explicitar sistematicamente esses equívocos, será necessário apontar as características do hipertexto e apresentar seu *status* teórico em relação às demais mídias, impressa e eletrônica, para evidenciar suas singularidades e traços diferenciais. Toda essa reflexão pretende, em última análise, defender a natureza enunciativa híbrida e, por isso, inédita do hipertexto. Certamente, essa proposta de mesclar tecnicamente recursos semiolinguísticos sob a mesma superfície de percepção - a tela do computador - deve exigir de seu usuário um outro

comportamento cognitivo. Diante de tantas possibilidades de caminhos a explorar e de tanta riqueza informacional à disposição do usuário da rede, é esperado que haja um estranhamento logo em sua estréia para uma posterior e paulatina familiarização com esse novo ambiente de interação e acesso a dados. No salão virtual da dança das linguagens, é importante aprender a “dançar” para não patinar no labirinto hipertextual da web.